

MAX HORKHEIMER

e

THEODOR W. ADORNO

(Organizadores — Institut für
Sozialforschung, Frankfurt)

TEMAS BÁSICOS
DA
SOCIOLOGIA

Tradução de
ÁLVARO CABRAL

001634979



EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

28. *Sigmund Freud*: “Gesammelte Werke”, Vol. XIII (“Massenpsychologie und Ich-Analyse”), *op. cit.*, págs. 71 e segs.

29. Cf. *Paul Federn*: “Lust — Unlustprinzip und Realitätsprinzip”, em *Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse*, edição organizada por *S. Freud*, Leipzig e Viena, 1941, Ano II, págs. 492 e segs.

30. Cf. *George Orwell*: “1984”, Zurique, 1950.

31. *René König*: “Materialen zur Soziologie der Familie”, em *Beiträge zur Soziologie und Sozialpsychologie*, edição organizada por *R. König*, Vol. 1, Berna, 1946. — Cf. *do mesmo*: “Abhängigkeit und Selbständigkeit in der Familie”, em *Abhängigkeit und Selbständigkeit in sozialen Leben*, edição organizada por *Leopold von Wiese*, Colônia, 1951; *do mesmo*: “Soziologie der Familie”, em *Soziologie. Lehr- und Handbuch zur modernen Gesellschaftskunde*, edição organizada por *Helmut Schelsky e Arnold Gehlen*, Düsseldorf, 1955. — Cf. ainda: *Helmut Schelsky*, “Wandlungen der deutschen Familie in der Gegenwart”, Dortmund, 1953; *do mesmo*: “Die gegenwärtige Problemlage der Familiensoziologie”, em *Soziologischen Forschung in unserer Zeit*, ed. organizada por *Karl G. Specht*, Colônia, 1951; *Gerhard Wurzbacher*: “Leitbilder gegenwärtigen deutschen Familienlebens”, Dortmund, 1951.

32. *Gerhard Baumert*: “Deutsche Familien nach dem Kriege”, Gemeindestudie des Instituts für Sozialwissenschaftliche Forschung, Darmstadt, 1954.

X

ESTUDOS DA COMUNIDADE

A sociologia tem por objeto, segundo parece, uma participação na experiência imediata de cada homem e muitos acham surpreendente que se queira convertê-la numa ciência; inclusive, a sua existência é freqüentemente justificada mediante a pretensa complexidade da sociedade moderna, a qual prejudicaria uma boa visão geral das coisas. O extraordinário aumento da população em todos os países, depois da revolução industrial; os processos econômicos tão diversificados e interligados; a especialização da maioria das funções a cargo dos homens, tornam impossível, segundo se diz, que se oriente na sociedade quem não recebeu da ciência os esquemas que o guiam em sua tarefa. Em resumo, acusa-se a sociedade moderna de ser excessivamente "complicada", com o mesmo argumento errôneo com que se dirige essa acusação contra um homem. Continua sendo discutível que se possa falar de sociedade complicada, em sentido estrito, e que a complicação não seja, pelo contrário, uma aparência, uma parte da cortina que esconde o modo de operar do mecanismo social e os sacrifícios que isso impõe. Em todo o caso, é lícito suspeitar de que a coisa, em si, não é complicada mas, antes, que os indivíduos, investidos de sua função cognitiva pela divisão das funções próprias da sociedade, baseada na divisão do trabalho, limitam-se a tal ponto às atividades particulares e técnico-práticas, que encontram obstruído o caminho para a compreensão do todo. Semelhante estado de coisas reflete-se, por sua vez, nas teorias científicas que louvam a renúncia à compreensão do todo como prova de ascese científica e recomendam a limitação ao conhecimento setorial como única atividade ainda possível. O que se pode afirmar com segurança

é que a sociedade moderna, como um todo, já deixou de ser acessível à experiência imediata, perceptível em sua totalidade e em suas motivações, no sentido em que podia sê-lo uma sociedade agrária pura ou mesmo uma antiga economia corporativa urbana. Tal ordem de coisas encontrou sua expressão no conceito filosófico de alienação social, que permitia derivá-lo da estrutura de uma sociedade de troca, baseada na divisão do trabalho. Por conseguinte, a compreensão do que é sociedade parecia resultar do esforço teórico, primeiro da filosofia e, depois, da crise das grandes concepções da teoria sociológica. Esse esforço para encontrar as leis que permitam um entendimento conceitual do devir social alienado e já não transparente, em que a aparência e realidade se misturam, ainda é visível na obra de eruditos da envergadura de Max Weber, Durkheim e Pareto. Mas o desenvolvimento da sociologia científica, nos últimos trinta anos, aumentou a desconfiança em relação às tentativas de teorização exegética e saltou para o primeiro plano o outro impulso que já se prenunciava na obra dos grandes teóricos subseqüentes da sociologia, impregnados do espírito empírico e positivista — isto é, o da comprovação dos “fatos”.

Com o progressivo ceticismo em face das teorias, também cresceram as apreensões sobre a complexidade do objeto. Os incontáveis fatos que estavam sendo recolhidos pareciam converter-se em “materiais opacos” e destituídos de significado. Procurou-se afanosamente uma saída para essa situação, um método que permitisse conjugar a certeza e o controle da ciência moderna com a possibilidade de esclarecer a coesão do todo, em suas mútuas relações. Por outras palavras, procuraram-se modelos e tipos da sociedade atual que fossem, ao mesmo tempo, objetos concretos de investigação e concentrassem, como no foco de um espelho côncavo, a substância difusa do todo.

Na moderna sociedade de massa, que assistiu ao nascimento simultâneo da industrialização e da urbanização, a *cidade* parecia oferecer-se como um modelo de estruturas e tendências sociais típicas. Para elas convergiram, rapidamente, as atenções dos sociólogos. Entre as primeiras investigações empíricas em grande escala contaram-se as efetuadas sobre a metrópole e seus habitantes, iniciadas por Charles Booth a respeito de Londres (em 1886), a “Pittsburgh Survey”, iniciada em 1909, ou a “Springfield Survey”, sobre uma cidade de tamanho médio (em 1914). Estas pesquisas estavam animadas, mais do que por

uma intenção de inquérito objetivo, por um espírito de crítica social: queria se mostrar como vivia a maior parte dos homens.¹ Um ramo específico da sociologia, a *Ecologia Humana*, iniciou depois a investigação das relações entre o homem e o meio ambiente, desde o ponto de vista das relações dos indivíduos humanos com as instituições sociais e as formas de estruturação social, orientadas, com freqüência, segundo modelos de origem botânica e zoológica.² Ao mesmo tempo, estabelecia-se toda uma escola sociológica em torno de Robert E. Park e seu projeto de investigação na Grande Chicago.³

Mas as grandes metrópoles apresentam, em seus próprios limites, todas as características de complexidade, excessiva opacidade e alienação, que dificultam a orientação da pesquisa; assim, o estudo da grande metrópole deparava-se com as mesmas dificuldades com que se defronta o enunciado empírico sobre a sociedade como um todo. Daí a idéia de realizar investigações-padrões em cidades de dimensões *médias*, nas quais era lícito alimentar a esperança de estudar as tendências para a urbanização e suas conseqüências sociais, sobre um material ainda bastante circunscrito para permitir o seu abrangimento quase total.⁴ Esses projetos estavam tacitamente animados da esperança de extrapolar dos resultados das pesquisas em cidades médias aquelas conseqüências que se aplicassem à totalidade social, conseqüências essas que, segundo se acreditava, seriam válidas se os detalhes fossem examinados em profundidade e selecionados com a cautela necessária para lhes atribuir um caráter típico.⁵ A tendência para estudar um setor da sociedade escolhido como modelo da totalidade levou à rápida formação de uma nova disciplina especial, a *Sociografia*, iniciada pelo sociólogo holandês Rudolf Steinmetz, com a intenção de estudar países e regiões em sua "unidade concreta".⁶ Essa intenção original permaneceu depois em segundo plano, quando foi dada a primazia aos debates metodológicos sobre a relação entre sociologia teórica e empírica, sendo esta última aquela a que os sociógrafos desejavam equiparar a sua disciplina.⁷ ~~Só em anos~~ mais recentes é que se verificou um regresso aos ~~propósitos~~ iniciais da Sociografia, como estudo do "problema do espaço, do tempo e da recíproca interligação dos fatos, ~~comportamentos~~ e opiniões, a partir de uma situação dada".⁸ Nesta perspectiva, torna-se importante não tanto a obtenção de enunciados genéricos mas a "compreensão íntima das conexões ~~efetivas~~" e a

limitação da investigação a “zonas e grupos claramente delimitados”.⁹

As concepções iniciais para o estudo de cidades médias couberam aos americanos Robert e Helen Lynd.¹⁰ O trabalho destes sociólogos, apesar de toda a sua objetividade da exposição, expressa o momento de autocrítica da sociedade americana que dominou a década de 1920. Em toda a literatura da época, a descoberta do interior norte-americano desempenhou um papel decisivo, justamente sob o ponto de vista de que ele representava a uniformidade da vida provinciana, a qual impressiona de imediato o observador pelas semelhanças físicas de tantas cidades pequenas e corresponde a condições econômicas e tecnológicas que não se encontram dessa mesma forma na Europa, por mais inconfundíveis que sejam as tendências nesse sentido.

Lynd e seus colaboradores escolheram para estudo uma cidade média americana de Indiana que, em 1935, ano em que o programa de investigação foi concluído, contava com 50 000 habitantes. O esquema geral do estudo abrangia não só as instituições e a dinâmica das relações sociais mas também o clima cultural e político — que era excluído das investigações de ecologia humana — e foi articulado em duas pesquisas sucessivas sobre as transformações estruturais da cidade nos períodos entre 1885 e 1925, e entre 1925 e 1935, que abrangia um período de intenso desenvolvimento industrial, com alternativas de “Boom” e Depressão. O interesse dos Lynds não se dirigia, em primeiro lugar, à obtenção de dados estatisticamente verificáveis mas à interação das condições socioeconômicas, por um lado, e das normas e concepções subjetivas da população, por outro, partindo-se do pressuposto de que a comunidade estudada e o seu desenvolvimento eram determinados, em grande parte, pelas formas que essa interação adotava.

Numa cultura como a de “Middletown”, que atribui valor positivo ao progresso e ao máximo bem-estar, a realização desses valores depende, na opinião do investigador e, em especial, quando essa cultura atravessa um período de transformações rápidas e irregulares, de uma atitude de abertura às mudanças e não de resistência a estas. Se considerarmos a rapidez de algumas transformações culturais registradas em “Middletown” nas últimas décadas, a resistência da comunidade à mudança, a sua incapacidade para criar oportunidades que diminuam os próprios atritos internos, apresentam-se como um ponto negativo, em relação aos valores reconhecidos pela própria comunidade.¹¹

Com a repetição da investigação sobre o mesmo objeto, os Lynds conseguiram, sobretudo, descrever as interações operantes entre a infra-estrutura e a superestrutura sociais. Além disso, principalmente durante o período de crise econômica, eles puderam demonstrar que a cidade não se comporta como uma mônada social mas, pelo contrário, depende dos processos que abrangem a totalidade da comunidade.

A extraordinária influência exercida pelos dois livros dos Lynds decorre não só do seu rigor científico mas também da crítica social que souberam incluir em sua pesquisa dos fenômenos típicos. Numa cidade do Centro-Oeste americano, escolhida entre tantas e tão surpreendentemente iguais, a análise dos dois sociólogos pôs em destaque a monotonia, a padronização, a desolada existência que se comprova entre homens que convivem e ganham a vida num espaço vazio de tradições históricas, sujeito apenas às leis econômicas e à pressão conformista da "sociedade estabelecida". Essas experiências já tinham sido registradas na Alemanha, nos começos do século, como no surpreendente ensaio de Sombart, "*Warum gibt es in den Vereinigten Staaten keinen Sozialismus?*" (Por que não há socialismo nos Estados Unidos?),¹² mas os Lynds imprimiram-lhes um novo impulso e dignidade empírica. Em sua essência, o trabalho dos Lynds estava ligado à literatura de crítica social norte-americana da década de 1920, cujos autores queriam mostrar em que se converte o homem em condições de vida de que foram eliminadas as imagens, num universo descolorido e monótono. Mas, ao mesmo tempo, desejavam evitar os perigos da generalização precipitada, que freqüentemente se infiltra na investigação social, em forma de romance, e estimular os dotes de observação do escritor com dados empíricos indiscutíveis.

Muitas investigações seguiram o exemplo criado pelos Lynds. A maioria delas teve a intenção de anular a diferença entre a experiência viva e a objetividade do conhecimento exato, sobretudo de tipo estatístico; todos esses estudos combinaram os métodos modernos de levantamento de dados com a pesquisa de campo e, freqüentemente, com pessoas que participavam de modo ativo da vida das cidades médias estudadas — os chamados "*participant observers*" (observadores participantes).¹³ Mas o espírito de crítica social dos Lynds deu rapidamente lugar a um ideal de objetividade científica e desapaixonada, em cujo nome passaram ao primeiro plano os fatores de exatidão de pro-

vas, sem cair quase nunca, reconheça-se, nos antigos métodos de ecologia humana, que eliminavam do campo de investigação as opiniões, convicções subjetivas e idéias de valor. Essas investigações mais recentes tendem a combinar os métodos próprios da sociologia com os da psicologia e antropologia, como acontece, por exemplo, nos trabalhos de orientação psicanalítica de John Dollard, onde a estrutura de uma comunidade americana transparece através de um ordenamento social das relações sexuais.¹⁴

W. Lloyd Warner foi um dos primeiros a aplicar ao estudo de uma cidade média americana de 18 000 habitantes da Nova Inglaterra os métodos de investigação antropológica desenvolvidos no estudo de povos primitivos. Os resultados desse trabalho foram publicados nos volumes da "Yankee City Series".¹⁵ Warner conquistara prestígio por seus estudos sobre as populações neolíticas da Austrália¹⁶ mas quis "aprender a entender melhor de que forma os homens resolvem os problemas que se lhes apresentam em *todos* os grupos, sem conotação de tempo e lugar".¹⁷ Para tanto, procurou a comunidade definida como "uma pluralidade de homens com interesses, sentimentos, comportamentos e finalidades comuns, em virtude de sua pertença ao mesmo grupo social",¹⁸ como estrutura constante em toda e qualquer forma de sociedade antiga ou moderna:

A múltipla variedade de grupos modernos e primitivos, apesar de diferirem muito entre si, é essencialmente de natureza idêntica. Com efeito, todos os grupos se encontram estabelecidos num determinado território, transformam-no, em parte, com o objetivo de preservar a vida física e social do grupo, e todos os indivíduos que são membros do grupo têm, entre si, relações sociais diretas ou indiretas.¹⁹

No primeiro volume da série dedicada à "cidade ianque", a comunidade é descrita em sua vida cultural, sobretudo em relação com a distribuição horizontal dos seus membros em "classes superiores e inferiores".²⁰ O segundo consiste num profundo estudo das instituições sociais da cidade e nele se pretende mostrar que os seus habitantes "vivem de uma forma bem ordenada, na base de uma hierarquia mantida através das diversas instituições".²¹ O terceiro volume é um estudo dos grupos étnicos minoritários da cidade, irlandeses, franceses, judeus, poloneses, e dos modos como se produz o seu afastamento dos hábitos tradicionais e a adaptação aos costumes de uma cidade média americana.

Na temática da transformação e estratificação social se concentrou toda uma série de pesquisas sobre cidades médias americanas que, além disso, revelam situações peculiares e problemas específicos de diversas regiões, como as tensões entre negros e brancos nos estados sulistas, e assinalam o seu significado para o conjunto da comunidade.²² Subseqüentemente, foram efetuados estudos de comunidade em outros países, como na França sobre a cidade Auxerre,²³ na Alemanha sobre Darmstadt ou os estudos de Oeser e Hammond na Austrália.²⁴

Um outro setor de estudos deste tipo dedicou-se à investigação das comunidades rurais. Neste caso, os principais problemas estão relacionados com as transformações das aldeias, quando da modernização da vida social, da introdução de novos métodos de agricultura, da ampliação dos meios de transporte e comunicação viária, e dos novos meios de comunicação de massa, no quadro do desenvolvimento geral da sociedade.²⁵ Enquanto que a investigação sobre as grandes cidades era motivada, com freqüência, pelo desejo de combater os aspectos negativos da vida social atual, muitas das pesquisas sobre as aldeias, em contrapartida, inspiraram-se na idealização romântica da vida rural, de acordo com o significado que era dado às categorias opostas de comunidade e sociedade. Mas, posteriormente, sob a influência dos resultados experimentais já obtidos, a relação entre cidade e campo, assim como os problemas específicos da sociologia agrária, foram sendo integrados no contexto conceptual de uma dinâmica geral da sociedade.²⁶

Nesse ponto, vale recordar os méritos da “sociologia da colonização interna”, de Leopold von Wiese. No quadro teórico da sua doutrina formal de relações sociais, Wiese levou a cabo numerosos trabalhos de campo sobre as diversas formas de colonização interna.²⁷

Os estudos de comunidades européias, como Darmstadt, por exemplo, distinguiram-se, inevitavelmente, dos americanos, apesar de inspirados numa identidade de idéias, em virtude da ausência de um objeto delimitado e construído teoricamente como unidade social, como no caso de “Middletown”. A investigação sobre Darmstadt teve que ser dividida em nove monografias,²⁸ tanto por razões inerentes aos recursos financeiros mais modestos de que dispõe a sociologia alemã, como por certa carência de pesquisadores adequadamente preparados. **Apesar**

disso, é possível apontar um elemento comum nos nove trabalhos, a saber: uma cidade moderna não constitui, precisamente, uma unidade fechada sobre si própria; ela existe, outrossim, num contexto de relações funcionais com toda uma região e, em última análise, com a totalidade da sociedade; é este, justamente, o ponto de contato com os Estados Unidos, sobretudo quando se tem em conta o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação. Uma comunidade moderna, tanto na América como na Europa, não se deixa tratar como uma autarquia socioeconômica; é necessário considerar as funções sociais que excedem sempre o âmbito da cidade.

No caso específico da Europa, a questão consiste em saber até que ponto é lícito falar de uma cidade média "típica". No caso de Darmstadt, a cidade ainda hoje se caracteriza, em grande parte, por fatores que derivam da tradição de antiga capital do Grão-Ducado de Hesse, apesar da queda da monarquia em 1918 e da unificação administrativa do antigo eleitorado de Hesse com a antiga província prussiana de Hesse-Nassau, no III Reich hitleriano. No caráter da cidade que foi a antiga residência ducal ainda é possível observar o considerável papel representado pela camada residual dos funcionários da velha sociedade palaciana, o acentuado significado das diferenças de *status* social e até a vitalidade de uma tradição artística, aspectos estes que distinguem Darmstadt, nitidamente — onde não faltam, na verdade, importantes indústrias — das cidades médias das regiões industriais. Teria sido errôneo generalizar, por exemplo, os sintomas de falta de consciência das barreiras existentes entre as classes que se manifestou no comportamento da população de Darmstadt, que foi destruída em 80% de sua área pelos bombardeios de 1945; em seu comportamento, nessas circunstâncias, em face dos problemas de alojamento e reconstrução, e convertê-lo em comportamento típico das cidades médias alemãs ou mesmo de toda a Alemanha. O nivelamento das diferenciações históricas numa forma de vida social racional-igualitária não é comparável na Europa, nem de longe, com o que se verifica nos Estados Unidos, onde a resistência ao nivelamento não se alimenta de qualquer herança feudal. Por outras palavras, a procura de "modelos" sociológicos pressupõe, por sua vez, a existência de uma sociedade que manifeste tendências para se assemelhar ao tipo ideal de um objeto das ciências naturais. Essa tendência existe, certamente, e é irrefutável até na Europa,

tendo os estudos sobre a cidade de Darmstadt contribuído, de modo considerável, para corroborá-la materialmente. Entre as tarefas que uma *Realsoziologie* crítica pode se propor, não seria uma das últimas a de resolver os elementos ideológicos que, com tanta obstinação, se apegam na Europa a categorias como a de indivíduo e que são hipostasiados, num abrir e fechar de olhos, no instante em que deixam de ter existência na sociedade real. É certo que o estereótipo da “jovem” América, empenhada em percorrer o caminho da velha cultura européia, não resiste à análise e os resultados de várias investigações empíricas tornam ainda mais verossímil a hipótese de um gradual processo de americanização da Europa que, por sua vez, acarreta transformações estruturais muito profundas da sociedade européia e não é explicável, simplesmente, pela ocupação militar e pela influência exercida pelos Estados Unidos após a II Guerra Mundial. A insistência com que se afirmam certas supostas peculiaridades inalienáveis da Europa insere-se, precisamente, nessa tendência de americanização, dado que essas qualidades peculiares acabam se convertendo numa espécie de monopólio natural que permite um lucro adicional no âmbito total das relações de troca.

O estudo sobre Darmstadt foi dirigido pelo *Institut für sozialwissenschaftliche Forschung* daquela cidade, em combinação, particularmente importante nas fases finais, com o *Institut für Sozialforschung*, de Frankfurt, e com o *Institut für landwirtschaftliche Betriebslehre*, da Escola Superior Justus Liebig, de Giessen, tendo a iniciativa partido do Grupo de Trabalho adjunto ao Governo Militar americano e a responsabilidade administrativa ficado a cargo da Academia do Trabalho de Frankfurt. A coleta dos materiais foi iniciada de acordo com o princípio de registrar todo e qualquer dado que pudesse ser comprovado sobre Darmstadt mas sem uma avaliação apriorística da relevância que esses dados pudessem ter. Numa segunda fase de reorganização do estudo, foi preciso considerar a tarefa de determinar *a posteriori*, no próprio material, os principais pontos de interesse teórico, a partir dos quais a exposição foi sendo ordenada — um procedimento que a investigação social empírica deve seguir sistematicamente em tais situações.

O caráter “rural” da cidade, situada nas vertentes da Floresta de Oden e ligada estreitamente à vida econômica do seu “hinterland”, expressa-se de maneira inconfundível até na sua

arquitetura. Tendo em consideração essas características de Darmstadt, procedeu-se à escolha de quatro povoações relativamente próximas da cidade, nas quais foram analisadas as complexas relações com Darmstadt e se aduziram algumas consequências de ordem geral sobre o problema da urbanização na Alemanha e diversos problemas de sociologia agrária.

Na própria cidade de Darmstadt, o material da pesquisa cristalizou-se em torno do problema das relações entre a população e as instituições com que ela mantinha contato. A esta formulação correspondeu, no tocante ao método, o paralelismo da análise institucional, de um ponto de vista objetivo — autoridades administrativas, escolas, condições de habitação — e o emprego de questionários e entrevistas para coleta de opiniões e atitudes subjetivas da população urbana. Os problemas dos trabalhadores foram estudados com base em suas opiniões sobre os sindicatos e as condições internas das empresas, como sendo as instituições que os afetavam mais de perto; o setor administrativo foi estudado sob o aspecto das relações entre a administração pública e a população; o setor mais complexo da pesquisa referia-se aos problemas da juventude e da família, também neste caso sob o duplo aspecto das condições objetivas e até “físicas” existentes na cidade, gravemente reduzida pelos bombardeios, e da influência de tais condições sobre os sujeitos humanos. Assim, a idéia específica de todo o estudo orientou-se no sentido de uma combinação de sociologia institucional e de psicologia social.

No setor das relações entre a cidade e o campo depressa se apurou que os próprios fenômenos econômicos do campo não podiam ser entendidos apenas com os instrumentos da economia agrária, em sentido estrito, sendo indispensável recorrer a concepções especificamente sociológicas, sobretudo nos casos típicos de pequena economia rural, que subsistem numa contextura social não só agrária mas também determinada, em grande parte, pelas atividades das pequenas indústrias e do pequeno comércio locais. Uma monografia especial²⁹ pôs em destaque que a cidade de Darmstadt exercia uma crescente influência sobre todo o seu “hinterland”, quer no sentido econômico como nos planos social e cultural, e de uma forma desproporcional à influência inversa do campo sobre a cidade. As comunidades rurais transformam-se, lenta mas incessantemente, em comunidades de residência de operários, camponeses e operários-camponeses. Assim, o

elemento campesino puro retrocede, por um lado, e insere-se, por outro, no desenvolvimento social geral, dando em resultado o aparecimento de tensões sociais. À luz dos resultados do estudo, os esforços de “re-ruralização” apresentam-se extremamente problemáticos. O contato cotiliano com a influência urbana não só modifica a estrutura objetiva mas também a psicossocial; os vínculos tradicionalistas cedem lugar a considerações de ordem objetivamente econômica e as tendências ao nivelamento de todas as formas de vida estendem-se também ao campo. Tipos intermédios como o trabalhador pendular, em vaivém entre o local de trabalho na cidade e a residência no campo, e o camponês com um segundo emprego, etc., começam a representar um papel importante. As iniciativas campesinas deste último tipo começavam, entretanto, a declinar, sob a influência das tendências para a urbanização.³⁰ A propriedade rural ainda é, com muita freqüência, um valor ideologicamente intocável mas transforma-se economicamente, sem cessar, em capital. Mas as idéias de independência e auto-suficiência a ela vinculadas ainda estão solidamente arraigadas em grande parte da população rural e levam a conflitos de certo montante. A tendência objetiva para o progresso e a racionalização choca-se aí, mais do que em qualquer outro grupo social, com o temor do desapossamento brusco que perdura na consciência do homem do campo. Mas a persistente tendência para a inércia do campesino não se converte, romanticamente, numa suposta a-historicidade do modo de produção campesino³¹ — que já não existe nesse sentido, se é que alguma vez existiu. Precisamente no setor agrário, a sociologia empírica pôde confirmar a tese teórica de que a transformação da superestrutura cultural ocorre mais lentamente do que a transformação das condições materiais de produção.³² Se é possível generalizar aqui os resultados do estudo sobre Darmstadt, diríamos que os elementos conservadores, de economia doméstica pré-capitalista, subsistem na consciência da população rural, a par dos elementos modernos, no sentido da cultura de massa — o esporte, o rádio, o cinema — quase sem nexos algum entre os dois pólos e sem que se tenha podido estabelecer entre eles as formas específicas da consciência liberal-burguesa e da formação cultural burguesa. Essa “incontemporaneidade” da consciência rural reflete a situação de crise permanente do campesinato alemão, só temporariamente resolvida nestes anos. A “defasagem cultural” do

campo constitui um desses vácuos ideais e perigosos onde a propaganda totalitária penetra com facilidade. Se existe uma consequência válida para toda a sociedade que se possa aduzir dos dados da sociologia rural empírica é, justamente, a da necessidade de uma transformação das condições da consciência no campo. Fica de pé a dúvida, naturalmente, sobre se essa transformação poderá ser apenas realizada com instrumentos de educação e não pressupõe também uma modificação nas condições materiais. Seja como for, o estudo sobre Darmstadt contribuiu para abalar em seus alicerces as idéias sobre a humanidade campesina, uma sobrevivência entre nós da ideologia nacional-socialista de “sangue e terra”.

A descrição das entidades administrativas de Darmstadt,³³ à luz das considerações gerais de sociologia administrativa derivadas de Max Weber, foi realizada de acordo com categorias tais como as do formalismo, identificação do funcionário com a instituição, tendência expansionista, confeccionismo e exclusivismo da camada burocrática; e permitiu aplicar essas categorias à análise da opinião da população sobre a autoridade administrativa e sobre as suas experiências no contato com as repartições. Houve, inclusive, o cuidado de interpretar o resultado das pesquisas de opinião, reduzindo os diferentes tipos de resposta a tipos psicológicos como a personalidade autoritária e a personalidade não-autoritária. O material escolhido para a investigação permite vislumbrar aqui uma ligação possível, na *universitas literarum*, entre disciplinas científicas de natureza e orientação muito distintas — uma tarefa a que a sociologia não pode esquivar-se se quiser evitar o perigo de ficar reduzida a um jogo vazio de formalismos sociais.

Já foi dito que o setor mais complexo do Projeto Darmstadt foi o da pesquisa sobre a juventude. O estudo sobre “Escola e Juventude numa Cidade Bombardeada”³⁴ proporciona numerosas informações a respeito, sobretudo, dos processos de ajustamento dos jovens. A resistência dos filhos de operários é menor, nas escolas superiores, que a dos outros estudantes, segundo parece, devido a um esforço de compensação de seu *status* socialmente desfavorável e a um anseio de identificação com a ordem estabelecida. Um comportamento semelhante se encontra entre os filhos de fugitivos e os órfãos de pais. Embora a escola atual já não seja um centro de terror como os descritos pelos romances alemães ainda do princípio deste século, os momentos autori-

tários sobrevivem obstinadamente não só entre os professores e pais mas também entre os próprios estudantes, especialmente sob a forma de uma "consciência de privilégio". Uma transformação histórica surpreendente é, em contrapartida, aquela pela qual os jovens adquirem um sentido freqüentemente exagerado de tudo o que é prático, uma "determinação realista das coisas" que é supervalorizada. Os depoimentos dos entrevistados sobre as catástrofes dos bombardeios são extraordinariamente sucintos — um resultado surpreendente mas que confirma a investigação realizada por Anna Freud em Londres.³⁵ A catástrofe urbana parece estar subjacente, somada a todos os horrores do período hitleriano, num processo coletivo de mudança. O estudo sobre "Escola e Juventude" foi completado com uma monografia sobre uma classe de adolescentes,³⁶ realizada segundo as concepções da pesquisa "sociométrica".³⁷ Entretanto, este método foi unicamente empregado para a análise qualitativa, sem elaboração matemática. Pediu-se a todas as jovens finalistas de um curso secundário que escrevessem sobre o caráter de cada uma das suas colegas de classe e verificou-se, com clareza, que o grupo se articulava em duas "turmas" distintas"; por um lado, a turma burguesa-tradicionalista das "filhas de família" e, por outro lado, uma minoria que se dedicava a copiar, na Alemanha, a imagem da "*smart college girl*" americana, tal como se difundira entre as colegiais alemãs nos anos do pós-guerra. Este subgrupo sentia-se na oposição mas até isto parece ser uma tendência para orientar-se pelo sistema de normas próprio dos *teenagers*, que vai se definindo gradualmente na Alemanha. Surge aqui o problema sociológico bem mais amplo da "conformação pelo não-conformismo", por parte da oposição socialmente canalizada.

A investigação sobre a "Juventude no Pós-Guerra"³⁸ oferece resultados sociológicos importantes, em geral, apesar da limitação temática do modelo, que se restringe à conduta e reações da população de Darmstadt. Apesar da guerra, da destruição pelos bombardeios, da desvalorização e subsequente reforma monetária, a diferenciação social continuava ainda correspondendo à de antes da guerra ou, pelo menos, assemelhava-se-lhe bastante. Também aqui a investigação — através dos resultados de Darmstadt — submeteu a julgamento a tese, freqüentemente proposta, segundo a qual todos aqueles fatos teriam determinado, sobretudo, um nivelamento econômico, social e

psíquico, da estrutura social alemã, se bem que a controvérsia a tal respeito se encontre ainda bem longe da sua resolução entre os adeptos da sociologia empírica. Viu-se que as diferenciações ideológicas se recompõem com maior rapidez que as materiais ou, melhor dizendo, sobrevivem como expressão da consciência do *status* hierárquico, em suas bases materiais, enquanto que, por outra parte, as diferenças econômicas tendem a acentuar-se de novo na Alemanha, há vários anos. Em compensação, a psicologia da juventude no pós-guerra distancia-se substancialmente da imagem apresentada pela psicologia tradicional. O estudo da juventude escolar destaca os comportamentos rudimentarmente orientados para a autopreservação e, de um modo extremo, para tudo o que é prático, imediatamente acessível, e isto foi verificado não só entre os rapazes de dez anos como também nos de catorze anos, aproximadamente; trata-se de um certo materialismo ou “concretismo” vulgar, levado a polarizações infantis produzidas sob a pressão das circunstâncias da época. Esta ligação com o “concreto”, hoje tão celebrada em todas as partes, não impede que a juventude do pós-guerra se sinta insegura e procure um ponto de apoio nos novos poderes autoritários. Ainda não existem as condições antropológicas de um verdadeiro espírito democrático. A monografia sobre a juventude completa-se com um estudo intitulado “Famílias Alemãs no Pós-Guerra”.³⁹ Os resultados obtidos neste estudo deixaram implícita a consequência de que a instituição da família tradicional, geralmente instável, encontrou uma nova solidez apenas provisória no período de emergência e na solidariedade que esta produz. O prognóstico orienta-se mais no sentido de um enfraquecimento dos vínculos familiares, positivo ou negativo, não no sentido de um limite imposto pela estabilidade da família à desintegração social contemporânea, que é o inverso de todo e qualquer processo de integração.

Não pode haver dúvidas sobre as vantagens que a sociologia pôde extrair das pesquisas de comunidade, ao escolher esta como modelo circunscrito e passível de descrição empírica. Foi possível unir a riqueza dos materiais coletados a um método de investigação que combinou disciplinas complementares, ainda que divergentes, para se obter resultados esclarecedores que, de outro modo, não teriam sido conseguidos pela investigação social. Os materiais que foram progressivamente surgindo ainda são obscuros e não diretamente significativos; mas isso também

não representa um fator inteiramente negativo. Insistia Max Weber em que não se perdesse o gosto pelos fatos, dando preferência à teorização,⁴⁰ com o que apontava uma exigência que nada tem a ver com a vulgaridade dos materiais, caricatura da febre colecionadora do erudito. Hoje, realmente, é necessária uma grande quantidade de materiais alheios, de antemão, à transparência das categorias que irão ser obtidas, numa cultura demasiado impregnada de intenções interpretativas, de conhecimentos não previamente formados e coisificados convencionalmente, ainda mais na Alemanha, onde a construção sociológica, mediante simples conceitos, “de cima para baixo”, foi profundamente comprometida pelos hábitos vergonhosos de um pensamento que age por decreto, habituado a sobrepor os conceitos às coisas vivas, como se fossem outras tantas marcas de carimbo. É verdade que, com os estudos de comunidade, é possível destacar num modelo muitas coisas que também são geralmente válidas e que, no conjunto da sociedade, talvez fosse impossível abranger empiricamente. Entretanto, nem por isso desaparecem as preocupações epistemológicas. Se for isolada uma cidade média, mesmo levando em conta o seu “hinterland”, realiza-se, justamente, esse conhecimento da totalidade que se substitui pelo estudo de cada setor societário, em operações separadas. Mas ainda que se prescindia da questão de saber se existem cidades médias típicas e do que consta essa tipicidade, continua sendo necessário equacionar o problema de princípio, sobre se as formas de vida societária observáveis numa cidade média são, de fato, realmente decisivas na atualidade ou se, pelo contrário, não o serão algumas das metrópoles industriais, que se oferecem com muito maior dificuldade aos métodos de estudo da comunidade. Sobretudo, as conseqüências sobre o comportamento humano, em geral, que se aduzem de tais estudos, prestam-se a sérias objeções. Na monografia sobre as autoridades administrativas de Darmstadt, por exemplo, vemos que se comprova uma divergência entre a atitude dos habitantes em relação a essas autoridades e as experiências tidas, de fato, nos contatos com elas; mas se, na verdade, as opiniões sobre uma repartição pública não dependem tanto da situação concreta na cidade em questão nem das experiências vividas nessa repartição ou entidade mas, outrossim, da ideologia, do ambiente espiritual e de determinantes sociais que pouco têm a ver com a comunidade estudada e que só são explicáveis em função de condições muito

mais amplas, então, por certo, torna-se insustentável a esperança de obter uma *pars pro toto*. Em resumo, as investigações de comunidade também colidem com o fato, não fortuito, da divergência fundamental entre a teoria da sociedade, por um lado, e a investigação social empírica, por outro. Esta tensão não é simplesmente explicável pela falta de um sistema conceitual adequado ou pela insuficiência de fatos conhecidos e acessíveis. Em sua raiz há um elemento de princípio: a relação entre aparência e essência na sociedade, em seu todo. Assim, os estudos de comunidade não satisfazem inteiramente, por uma parte, os critérios formulados à imagem e semelhança das ciências naturais, que a investigação social empírica adotou e que postulam o princípio de repetição, de controle e isolamento dos fatores individuais, mas que não chegam a dar-nos a essência das coisas; e, por outro lado, se os investigadores não têm um conhecimento desde o começo, esse conhecimento é, de qualquer modo, subseqüentemente dado. Entretanto, é razoável ver nesses estudos uma das tentativas mais enérgicas que se fizeram para eliminar a diferença que existe entre ciência e sociedade, o que plenamente os justifica; e os resultados apresentados contribuem, freqüentemente, para a correção das deficiências que afetavam tais investigações.

NOTAS

1. Cf. *Institut für Sozialforschung*: Artigo “Sozialforschung, empirische”, em *Handwörterbuch der Sozialwissenschaften*, edição organizada por E. von Beckerath e outros, Estugarda/Tübingen/Göttingen, 1954, seção “Geschichte”, págs. 420 e segs.

2. R. D. McKenzie, um dos iniciadores da Ecologia Humana, distingue-a das demais disciplinas nos seguintes termos: “Um simples estudo da comunidade como unidade de população tem o nome de Demografia; um estudo dos grupos populacionais e das condições de estabelecimento na terra chama-se Geografia; uma investigação das relações entre os grupos de população como unidades vitais tem o nome de Ecologia. O interesse principal concentra-se, em todos os casos, nas relações entre os homens.” (Traduzido de R. D. McKenzie: “The Field and Problems of Demography, Human Geography and Human Ecology”, em *The Fields and Methods of Sociology*, ed. organizada por L. I. Bernard, Nova Iorque, 1934, pág. 52.) — Uma delimitação mais precisa das investigações de ecologia humana do mesmo McKenzie figura em seu artigo, “Ecology, Human”, na *Encyclopaedia of the Social Sciences*, Vol. V, pág. 314: “A ecologia ocupa-se dos aspectos espaciais das relações simbióticas entre os homens e as instituições humanas.

Tende a descobrir os princípios e os fatores que atuam nas formas variáveis de estabelecimento espacial da população e das instituições, resultado da ação recíproca de seres vivos numa cultura em perpétua transformação." — A primazia atribuída às "relações simbióticas" exclui de antemão as relações culturais dos homens convertidos em objeto de estudo. A "*symbiotic society*" em que se desenrolam os "processos de variação e equilíbrio, de distribuição e transmissão de energia" é nitidamente distinta da "*cultural society*". (Robert Ezra Park: "Human Ecology", em *American Journal of Sociology*, Vol. 42, Chicago, julho de 1936, págs. 1 e segs. — Cf. também Emma C. Llewellyn e Audrey Hawthorn: "Human Ecology", em *Twentieth Century Sociology*, edição organizada por Georges Gurvitch e Wilbert E. Moore, Nova Iorque, 1945, págs. 466 e segs.; Pauline V. Young: *Scientific Social Surveys and Research*", Nova Iorque, 1949, págs. 429 e segs., 491 e segs. P. H. Chombart de Lauwe: "Paris", 2 vols., Paris, 1952.

3. Robert Ezra Park, Ernest W. Burgess e R. D. McKenzies "The City", Chicago, 1925. — Os interesses investigativos da Escola de Chicago refletem-se nos títulos de algumas das monografias publicadas: Nels Anderson, "The Hobo" (1923); F. M. Trasher, "The Gang" (1927); Ernest Russell Mowrer, "Family Disorganization and Family Discord" (1927); Louis Wirth, "The Ghetto" (1928); Ernest Theodor Hiller, "The Strike. A Study in Collective Action" (1928); Harvey W. Zorbaugh, "The Gold Coast and the Slum" (1929); Albert Blumenthal, "Small Town Stuff" (1932). — Para a bibliografia sobre as grandes metrópoles: Georg Simmel, "Die Grossstädte und das Geistesleben", em *Die Grossstadt*, ed. org. por Theodor Petermann, Leipzig, 1903; Adolf Weber, "Die Grossstadt und ihre sozialen Probleme", Leipzig, 1918; Werner Sombart, artigo "Die städtische Siedlung", em *Handwörterbuch der Soziologie*, ed. org. por Alfred Vierkandt, Estugarda, 1931; Lewis Mumford, "The Culture of Cities", Nova Iorque, 1938; Stuart A. Queen e Lewis F. Thomas, "The City. A Study of Urbanism in the United States", Nova Iorque/Londres, 1939; Noel P. Gist e Leroy A. Halbert, "Urban Society", Nova Iorque, 1933; Elisabeth Pfeil, "Grossstadtforschung. Fragestellungen, Verfahrensweisen und Ergebnisse einer Wissenschaft", Bremen, 1950; Louis Wirth, "Urbanism as a Way of Life", em *Soziologische Forschung in unserer Zeit*, ed. org. por Karl Gustav Specht, Colônia, 1951, págs. 320 e segs.; Svend Riemer, "The Modern City", Nova Iorque, 1952; Willy Hellpach, "Mensch und Volk der Grossstadt", 2.ª edição, Estugarda, 1952.

4. As dificuldades encontradas nas tentativas de ampliar as investigações sobre a posição dos operários em algumas fábricas de Chicago a esferas socialmente mais interessantes, levaram W. Lloyd Warner a escolher como objeto de estudo uma cidade média: "Os tipos mais simples de comunidade, com população mais reduzida, instituições sociais menos numerosas, mecanismos de criação cultural e técnica menos complexos, proporcionam ao sociólogo um campo de pesquisa onde ele poderá pôr à prova os seus métodos e teorias. O estudo dessas formas de sociedade mais simples permitem-lhe equipar-se melhor para a análise de comunidades mais complexas." (Traduzido de W. Lloyd Warner e Paul S. Lunt, "The Social Life of a Modern Community", New Haven, 1941, pág. 3.

5. Os resultados da investigação da “Yankee City” são, segundo Warner, válidos para todos os Estados Unidos. Nela se encontram “os traços característicos e essenciais da estrutura social americana” (Warner: “Structure of American Life”, Edinburgo, 1952, pág. xiii). Mas também crê encontrar aí alguns traços fundamentais do comportamento social humano, em geral. — Esta hipótese está apoiada na definição de “Community” como a área espacialmente delimitada onde o homem pode desenvolver todas as suas funções sociais. Portanto, é considerada, do ponto de vista social, uma autarquia. Assim disse MacIver: “Chamamos *community* (comunidade) a qualquer grupo, grande ou pequeno, cujos membros vivem juntos, no sentido de que não só lhes é comum este ou aquele interesse específico mas também as condições elementares da vida. Uma característica específica desse grupo é que o membro individual pode passar nele toda a sua vida. Assim é que se pode viver exclusivamente numa tribo ou numa cidade mas é impossível fazê-lo numa organização econômica ou numa igreja. O critério fundamental para definir a comunidade está no fato de que ela abrange todas as relações sociais de uma pessoa.” Traduzido de Robert M. MacIver e Charles H. Page: “Society”, Nova Iorque, 1950, págs. 8 e segs.; cf. também, dos mesmos: “Community. A Sociological Study”, Nova Iorque, 1930.) — Cf. ainda Marie Lazarsfeld-Jahoda e Hans Zeisel: “Die Arbeitslosen von Marienthal”, Leipzig, 1933; John Dollard: “Caste and Class in a Southern Town”, New Haven, 1937; *Economisch-technologische Instituuten*: “Sociaal-economisch rapport Leeuwarden”, Leeuwarden, 1948; do mesmo: “Rapport betreffende de industriele ontwikkeling en mogelijkheden in de gemeente Zwolle”, Zwolle, 1950; Leon Festinger, Stanley Schachter e Kurt Back: “Social Pressures in Informal Groups”, Nova Iorque, 1950; *Economisch-technologische Instituuten*: “De gemeente Elburg en haar bestaansbronnen”, Arnhem, 1952; C. von Dietze, M. Rolfs e G. Weippert: “Lebensverhältnisse in kleinbäuerlichen Dörfern/Ergebnisse einer Untersuchung in der Bundesrepublik 1952”, Hamburg e Berlim, 1953.

6. Rudolf Steinmetz: “Die Soziographie in der Reihe der Geisteswissenschaften”, em *Archiv für Rechts- und Wirtschaftsphilosophie*, Vol. VI, 1913.

7. Assim, por exemplo, Rudolf Heberle (Artigo “Soziographie” em *Handwörterbuch der Soziologie*, *op. cit.*, pág. 564), que entende por Sociografia uma investigação “indutiva, tendente ao conhecimento formulado em números e medidas”.

8. Ludwig Neundörfer: “Das soziographische Erhebungsverfahren”, em *Empirische Sozialforschung*, Wissenschaftliche Schriftenreihe des Instituts zur Förderung öffentlicher Angelegenheiten e. V., Vol. 13, Frankfurt-sobre-o-Meno, 1952, pág. 157.

9. *Op. cit.*, pág. 158.

10. Robert S. Lynd e Helen M. Lynd: “Middletown: A Study in Contemporary American Culture”, Nova Iorque, 1929; dos mesmos: “Middletown in Transition. A Study in Cultural Conflicts”, Nova Iorque, 1937.

11. Lynd: “Middletown in Transition”, *op. cit.*, págs. xvi e segs.

12. *Werner Sombart*: "Warum gibt es in den Vereingnitem Staaten keinen Sozialismus?", Tübingen, 1906.

13. Cf. *August B. Hollingshead*: "Community Research: Development and Present Condition", em *American Sociological Review*, Ano 13, abril de 1948, págs. 136 e segs.; *Kurt Utermann*: "Aufgaben und Methoden der gemeindlichen Sozialforschung", em *Beiträge zur Soziologie der industrielle Gesellschaft*, edição organizada por *Walther G. Hoffmann*, Dortmund, 1952.

14. *Dollard*, *op. cit.*

15. "Yankee City Series" (dos seis volumes planejados foram publicados até agora:) *Warner e Lunt*, "The Social Life of a Modern Community", *op. cit.* (Vol. I); *idem*, "The Status System of a Modern Community", New Haven, 1942 (Vol. II); *W. Lloyd Warner e Leo Srole*, "The Social Systems of American Ethnic Groups", New Haven, 1945 (Vol. III); *W. Lloyd Warner e J. O. Low*, "The Social System of the Modern Factory", New Haven, 1947 (Vol. IV). — Um breve resumo de *Warner*: "American Life: Dream and Reality", Chicago, 1953.

16. *Warner*: "A Black Civilization. A Social Study of an Australian Tribe", Nova Iorque, 1937.

17. *Warner e Lunt*, *op. cit.*, pág. 3.

18. *Op. cit.*, pág. 16.

19. *Op. cit.* págs. 16 e segs.

20. *Op. cit.* pág. xix.

21. *Op. cit.*

22. *Allison Davis, Burleigh B. Gardner e Mary R. Gardner*: "Deep South, A Social Anthropological Study of Caste and Class", Chicago, 1941; *St. Clair Drake e Horace R. Clayton*: "Black Metropolis", Nova Iorque, 1945; *James West*: "Plainville, USA", Nova Iorque, 1945.

23. *Charles Bettelheim e S. Frère*: "Une Ville Française Moyenne: Auxerres en 1950", Paris, 1950.

24. *O. A. Oeser e S. B. Hammond*: "Social Structure and Personality in a City", Nova Iorque, 1954; *O. A. Oeser e F. E. Emery*, "Social Structure and Personality in a Rural Community", Nova Iorque, 1954.

25. O estudo das comunidades rurais já recebera um certo impulso durante o período romântico. Somente lembramos aqui a "Agromischen Briefe" (1812), de Adam Müller, e as descrições das formas de colonização na Rússia, da autoria de August Frhr. von Haxthausen. Monografias distintas, de acordo com os critérios científicos rigorosos, começaram aparecendo nos primeiros anos do século: *James M. Williams*, "An American Town", Nova Iorque, 1906; *Newell L. Sims*, "A Hoosier Village", Nova Iorque, 1912; *Warren H. Wilson*, "Quaker Hill", Nova Iorque, 1907; sobre este assunto, cf. *Carl C. Taylor*, "Techniques of Community Study", em *Science of Man in the World Crisis*, edição organizada por *Ralph Linton*, Nova Iorque, 1945, págs. 416 e segs. — Diversa bibliografia sobre sociologia da sociedade rural: *Laverne Burch-*

field, "Our Rural Communities. A Guide Book to Published Materials on Rural Problems", Chicago, 1947; *John H. Kolb e Edmund S. Brunner*, "A Study of Rural Society", Boston, 1946; *David E. Lindstrom*, "American Rural Life", Nova Iorque, 1948; *Paul H. Landis*, "Rural Life in Process", Nova Iorque, 1948; *Charles P. Loomis*, "Studies of Rural Organization in the United States, Latin America and Germany", Lansing, 1945; *Lowry Nelson*, "Rural Sociology", Nova Iorque, 1948; *N. L. Sims*, "Elements of Rural Sociology", Nova Iorque, 1947; *C. P. Loomis*, "Rural Social Systems", Nova Iorque, 1950; *Lucien Bernot e René Blancard*, "Nouvelle, Une Village Française", Paris, 1953.

26. "Villes et Campagnes. Civilization urbaine et Civilization rurale en France", edição organizada por *Georges Friedmann*, Paris, sem data; *Hans-Jürg Beck*: "Der Kulturzusammenstoss von Stadt und Land in einer Vorortgemeinde", Zurique, 1952; *Gerhard Wurzbacher*: "Das Dorf in Spannungsfeld industrieller Entwicklung", Estugarda, 1954; "Dorfuntersuchungen", fascículo especial n.º 162 da revista "Berichte über Landwirtschaft/Zeitschrift für Agrarpolitik und Landwirtschaft", Hamburgo e Berlim, 1955; para o estudo sobre Darmstadt, ver a Nota 28.

27. "Das Dorf als soziales Gebilde", ed. organizada por *Leopold von Wiese*, Munique e Leipzig, 1928. — Sobre o método e outros dados bibliográficos sobre a sociologia da colonização rural de Wiese, cf. *Harriet Hoffman*: "Die Beziehungslehre als sozialwissenschaftliche Forschungsmethode", em *Soziologische Forschung in unserer Zeit*, op. cit., págs. 25 e segs.

28. "Gemeindestudie des Instituts für sozialwissenschaftliche Forschung", Darmstadt 1952-1954. As monografias são as seguintes: 1. *Herbert Kötter*: "Struktur und Funktion von Landgemeinden im Einflussbereich einer deutschen Mittelstadt"; 2. *Karl-Guenther Grüneisen*: "Landbevölkerung im Kraftfeld der Stadt"; 3. *Gerhard Teiwes*: "Der Nebenerwerbslandwirt und seine Familie in Schnittpunkt ländlicher und städtischer Lebensform"; 4. *Gerhard Baumert*: "Jugend der Nachkriegszeit/Lebensverhältnisse und Reaktionsweisen"; 5. *Gerhard Baumert* (com a colaboração de *Edith Hünninger*): "Deutsche Familien nach dem Kriege"; 6. *Irma Kuhr*: "Schule und Jugend in einer ausgebombten Stadt"; 7. *Giselheid Koepenick*: "Mädchen einer Oberprima/Eine Gruppenstudie"; 8. *Klaus A. Lindemann*: "Behörde und Bürger/Das Verhältnis zwischen Verwaltung und Bevölkerung in einer deutschen Mittelstadt"; 9. *Anneliese Mausolff*: "Gewerkschaft und Betriebsrat im Urteil der Arbeitnehmer".

29. Cf. *Kötter*, op. cit.

30. Cf. *Teiwes*, op. cit.

31. Cf. *W. H. Riehl*: "Die Naturgeschichte des Volkes als Grundlage einer deutschen Social-Politik", 6.ª edição, Estugarda, 1866.

32. Cf. *Grüneisen*, op. cit., pág. 88.

33. Cf. *Lindemann*, op. cit.

34. Cf. *Kuhr*, op. cit.

35. *Anna Freud e D. T. Burlingham*: "War and Children", Londres, 1952.

36. Cf. *Koepenick, op. cit.*
37. Cf. *J. L. Moreno*: "Die Grundlagen der Soziometrie", Colônia e Opladen, 1954; *G. Lindzey e E. F. Borgotta*: "Sociometric Measurement", em *Handbook of Social Psychology*, Cambridge, Mass., 1954, vol. 1.
38. Cf. *Baumert*: "Jugend der Nachkriegzeit", *op. cit.*
39. Cf. *Baumert*: "Deutsche Familien nach dem Kriege", *op. cit.*
40. *Max Weber*: "Die 'Objektivität' sozialwissenschaftlicher und sozialpolitischer Erkenntnis", em *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, Tübingen, 1951, pág. 214.